



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante recebimento do título "Parceiro de Fibra", conferido pela Federação das Indústrias do Distrito Federal
Brasília-DF, 08 de dezembro de 2010**

Olha, primeiro, eu queria agradecer o companheiro Rocha, e dizer para vocês, empresários, que eu tenho muito, mas muito otimismo de que o Brasil vai continuar seguindo a trilha do desenvolvimento com distribuição de renda, do crescimento econômico e da melhoria de vida das pessoas, sobretudo das pessoas mais necessitadas do país. E por que eu digo isso? Porque nós vivemos um período, entre 1975 e 2002, sobretudo de [19]79, depois do fim do governo Geisel, em que o país ficou praticamente impossibilitado de ter recursos para fazer investimento em obras de infraestrutura. Foi quando nós saímos daquele momento de desenvolvimento no governo Geisel e começamos a pagar o endividamento pelo crescimento do governo Geisel, que nós tínhamos feito com base no petrodólares que estavam muito barato e que o Brasil, então, se endividou demais.

É importante lembrar que, naquela época, o Brasil se endividou, contraindo empréstimo a 3% de juros ao ano e depois o Paul Volcker, que era o homem da economia americana, aumentou os juros para 21% e nós, então, quebramos como... Quebraram praticamente todos os países de Terceiro Mundo que tinham tomado a decisão de se desenvolver com o dinheiro emprestado.

O que está acontecendo hoje no Brasil? O que está acontecendo no Brasil hoje é que nós estamos crescendo com dinheiro nosso, sem precisar contrair empréstimo de quem quer se seja. Nós, hoje, temos no Brasil... Quando nós chegamos ao governo, nós tínhamos, praticamente, R\$ 380 bilhões de crédito. Hoje, nós temos R\$ 1,640 trilhão disponibilizados para crédito. O BNDES não chegava em uma carteira de financiamento de US\$ 100



bilhões; hoje, o BNDES atingiu praticamente US\$ 170 bilhões de investimentos, ou seja, passa a ter uma carteira de quase 500 bilhões, contraindo de empréstimos. A Caixa Econômica que tinha 5 bilhões, hoje tem 175 bilhões, ou seja, houve um crescimento de quase todos os segmentos da sociedade. E quando cresce a indústria, cresce a folha de pagamento, cresce o consumidor, o restaurante do Jorge vende mais comida, vende mais cerveja, vende mais chope, vende mais pão, vende mais queijo, o mercadinho dele, diz que está “bombando”, e vai por aí afora.

Bem, e isso vai continuar por quê? Porque nós ainda estamos na metade da conclusão do PAC 1, e nós já anunciamos o PAC 2. E o PAC 2 é uma coisa que prevê um investimento muito grande nas cidades, prevê a Copa do Mundo, prevê as Olimpíadas de 2016. E eu não consigo olhar ao meu redor e ver qualquer problema que possa impedir o crescimento do nosso país.

Eu estava agora olhando no meu computador, e estava percebendo que a inflação, viu Jorge, na questão do alimento, nós estamos com o crescimento muito forte da inflação, na questão do alimento. Eu espero que seja uma coisa sazonal e que seja uma coisa apenas de final de ano, porque nós temos a obrigação política de não permitir a volta da inflação. Nós temos o compromisso político com o país de não permitir que a inflação, que muita gente ganhou com ela, mas que o trabalhador que vive de salário não ganha, ele só perde; nós temos compromisso com a estabilidade econômica; nós temos compromisso com uma política fiscal séria e responsável; e, portanto, nós temos compromisso com a continuidade do crescimento da economia deste país.

E eu fico pensando, só os investimentos que nós temos em infraestrutura no Brasil, eu fico pensando somente o que está previsto de ferrovias, somente o que está previsto de hidrelétricas, somente o que está previsto de investimento da Petrobras – seja na prospecção de petróleo, seja na indústria naval – nos investimentos tecnológicos, nós temos mais de 600



bilhões para o próximo período, sem contar com Olimpíadas, sem contar com Copa do Mundo. Ao mesmo tempo, os estados brasileiros e as cidades brasileiras conquistaram um pouco de capacidade de endividamento, portanto conquistaram um pouco de capacidade de investimento.

Então, o horizonte que eu vejo para o Brasil para os próximos quatro anos, com o governo da Dilma e com o governo do companheiro Agnelo, é de muito progresso, de muito desenvolvimento, de muito investimento. E na medida em que a gente adote como política ajudar a parte mais pobre da população, na hora em que essa parte vira consumidor, todo mundo ganha, porque é mais gente no mercado, é mais gente consumindo, é mais gente comprando, é mais gente gerando emprego. É aquilo que eu chamo de “a roda da economia girando sem parar”.

Então, eu quero agradecer a vocês a lembrança, o prêmio, e quero pedir a vocês ajuda tanto à companheira Dilma, que vai tomar posse no dia 1º de janeiro, quanto ao companheiro Agnelo. Brasília precisa, mais do que qualquer outro estado da Federação, recuperar a autoestima do seu povo. Nós tínhamos uma previsão de muito investimento e de muitos contratos feitos com Brasília, que estão praticamente há um ano paralisados; obras importantes, que estão paralisadas, e que os contratos estão feitos... Você nem deveria esperar chegar o dia 1º, para tomar posse; deveria marcar uma reunião com a ministra Miriam, que, embora não seja ministra, ela é quem cuida do PAC, para que a gente comece a agilizar com o Marcio Fortes as obras da cidade, com a Caixa Econômica Federal o financiamento habitacional, porque é preciso retomar tudo o que foi paralisado por conta das denúncias políticas, por conta da cassação, por conta dos afastamentos. Afinal de contas, Brasília, no último ano, teve três governadores. É muito estrago político para uma cidade que precisa urgentemente manter o cuidado com o Plano Piloto, cuidar das cidades satélites, e cuidar do entorno de Brasília, que está virando um problema gravíssimo de crescimento do empobrecimento e a falta de investimento.



O dinheiro está previsto, Agnelo, você... eu acho que não terá problema na sua relação com o governo federal, não terá problema. Acho que a companheira Dilma tem dimensão de que Brasília é muito importante, e eu gostaria que vocês, empresários, ajudassem, sobretudo, o companheiro Agnelo nesse começo. É importante que você monte a sua equipe, gente com disposição de enfrentar problema, de correr; a Saúde em Brasília é um problema sério, e eu acho que está na hora de você montar uma seleção para governar Brasília. Não se preocupe em escolher amigos, não se preocupe em escolher gente do seu partido; se preocupe em escolher as melhores pessoas que possam ter em Brasília, porque a arte de governar, Agnelo, não permite a gente errar. O mandato é de quatro anos, você vai perceber que, quando você menos esperar, já passou um ano – portanto, já passou um quarto do seu mandato – então você tem que trabalhar muito rápido, e levar gente muito boa, porque você pode ser um divisor aqui em Brasília. Ou seja, você [não] pode ser nem um populismo de direita em Brasília e nem aquele populismo de fazer com que Brasília vire um paraíso de companheiros que são trazidos de outros estados para cá, para viver em condições desumanas. A gente pode fazer Brasília ser aquela capital bonita, com o povo vivendo bem, que era o sonho do JK e que era o sonho de todo mundo que aqui vive muito tempo. Da minha parte, eu, embora não seja Presidente, mas ainda posso dar um pitacozinho, se você pedir, posso ajudar. Mas eu acho que a ajuda dos empresários é muito importante para você poder fazer a boa governança desta cidade.

Então, muito obrigado pela lembrança. Eu vou dizer ao presidente do Corinthians que, finalmente, o Corinthians ganhou, se não o time, mas o torcedor mais importante do Corinthians ganhou uma taça. E quero agradecer a vocês, antecipadamente, o apoio que vocês possam dar ao companheiro Agnelo. Ele precisa, Brasília precisa, e, quanto melhor estiver Brasília, mais bonita ficará a cara do Brasil para quem visita Brasília. E, quando estiver todo



mundo bem, o Jorge vai sorrir muito mais, porque é mais gente comemorando tomando um chopezinho no Bar Brasil.

Gente, muito obrigado, e um abraço para vocês.

(\$211 A)